

Os objectivos da D. C. T. são sempre altamente humanitários e patrióticos; —A D. C. T. será expoente da solidariedade social da Nação.

ANO V— N.º 97
DEZEMBRO

1
1 9 5 6

AVENÇA

A Voz de Loulé

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44—LOULÉ—Tel. 216

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

Composto e Impresso na TIPOGRAFIA UNIÃO—Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.—FARO—Telefone 154

No 4.º Aniversário

de "A Voz de Loulé"

FOI há quatro anos, no 1.º de Dezembro de 1952, que a linda vila algarvia louletana acordou ao som da sua «Voz» que, ontem como hoje, fiel ao seu programa, vem batendo-se pela sua região e pela província em que se situa.

Quatro anos de árduas lutas e penalizantes canseiras para chegar até aqui. Alheios a intrigas «locais», desinteressados,—vendo apenas a sua Loulé, o seu Algarve—os seus dirigentes, em labuta constante e sem desfalecimentos, têm imprimido ao jornal—sem o mínimo desvio das linhas traçadas— a Política de Bem Servir.

Sem dúvida têm-no cumprido. Isto o que mais importa

no momento confuso e incerto que atravessamos.

Servir a sua terra, a sua região, é Servir a Nação.

Mas também importa, no momento que escrevemos este artigo, registar, com íntima satisfação, a certeza de que Loulé tem o jornal de que necessitava.

Ampará-lo, divulgando-o, trazendo para o seu seio os muitos milhares de louletanos e algarvios que se espalham por esse Mundo fora, é acção digna e louvável.

(Continuação na 6.ª página)

Imprensa Regionalista

Pelo Coronel Sousa Rosal

A imprensa tem, no geral, um assinalado papel a desempenhar na educação cívica e cultural dos povos no debater das ideias criadoras da civilização e saber e na defesa do interesse colectivo.

A nossa imprensa regional não desconhece no desenvolvimento do seu labor, esta alta missão que a sociedade lhe confia.

Solicita como tal e para tal a simpatia e a colaboração de todos quantos estão ligados ao agregado regional que serve.

(Continuação na 6.ª página)



Com a Vila a Seus pés, a Mãe Soberana, na ermida do Seu monte, vela pelos filhos suplicantes

A PEREGRINAÇÃO a Nossa Senhora da Piedade

FOI uma eloquente manifestação do sentir de todo o Algarve, a Peregrinação Diocesana de penitência do passado dia 25.

De Castro Marim a Lagos, se deslocaram muitos milhares de pessoas que, com a sua presença, quiseram afirmar as duas atitudes próprias de quem tenha coração humano e fé no poder e na misericórdia de Deus: — testemunhar, publicamente, a sua repulsa pela brutal intervenção soviética na Hungria solidarizando-se com a infeliz população magiar e impetrar de Deus, através da intercessão de Nossa Senhora da Piedade, a Sua misericórdia para os que sofrem, a aplacação da Sua Justiça e a inefável graça da Paz.

A's 15 horas partiram, do Largo de S. Francisco, em lon-

go e compacto cortejo, os milhares de peregrinos que da vila, dos arredores, das freguesias e dos confins do Algarve, acudiram ao apelo do seu Bispo para, em prece sentida, deporem aos pés da Mãe Soberana a força das suas orações e os seus protestos de penitência.

A seguir às crianças das escolas, Escuteiros, Mocidade Portuguesa, deputações de Bombeiros, Associações Religiosas, Seminário e de muitos fiéis, incorporaram-se Suas Excelências o Venerando Bispo do Algarve, Governador Civil de Faro, acompanhado do seu Secretário Geral, mer.ºs Juiz Corregedor do Circulo e Juiz da Comarca, Delegado do Ministério Público, os Presidentes de quase todas as Câmaras da Província e outras Au-

(Continuação na 3.ª página)

Uma data

VAI a «Voz de Loulé» entrar em mais um ano de existência. Só quem não passou pelo encargo de manter de pé um periódico, grande ou pequeno que ele seja, é que não avalia quantas dificuldades emergentes, quer no campo material, quer no campo doutrinário.

E' fácil achar defeitos naquilo que os outros apresentam, é fácil criticá-los ou expô-los ao ridículo. Mas quantos desses críticos de pacotilha, uma vez chamados à liça,

(Continuação na 6.ª página)

Ainda o Problema da Educação

Por A. Santa Clara

TINHA os meus dezasseis anos e cursava o Colégio Militar quando se deu o assassinio de Sidónio Pais — então Presidente da República. O acontecimento, como é natural, agitou todo o País. Fizeram-se grandiosos funerais com interminável desfile de tropas enquanto se postaram outras em diversos locais ao longo do percurso. Toda a gente de boa vontade, séria e honesta, farta de revoluções e desordens, chorava a perda daquele homem que parecia destinado a governar com pulso firme e meter o País na ordem. O Colégio Militar também se fez representar enviando uma Companhia de alunos — quase todos pouco mais ou menos da minha idade — companhia de que fiz parte, e que foi alinhar do lado norte do Rossio, com a frente voltada para a fachada do Teatro Nacional. Enquanto o cortejo desfilava diante de nós, dando a volta à praça depois de ter

(Continuação na 3.ª página)

Louletanos em destaque

O Comandante Pedro de Barros é o novo Governador de MACAU

PELO Ministério do Ultramar, foi nomeado Governador de Macau o nosso velho amigo e ilustre conterrâneo, sr. Comandante Pedro Correia de Barros, que, com o maior prestígio, exercia o lugar de Secretário Provincial de Moçambique.

O Comandante Correia de Barros já exercera, naquela cidade do Extremo Oriente o lugar de Comandante da Base de Aviação Naval e de Presidente do Leal Senado (equivalente à Câmara Municipal) quando em Governador de Macau o Comandante Gabriel Teixeira, e houve-se com tal apuro, senso e inteligência que foi requisitado para ajudante deste ilustre oficial logo que ele assumiu o

(Continuação na 3.ª página)

A expansão de «A Voz de Loulé»

DE há muito acaletamos a esperança de podermos vir a transformar «A Voz de Loulé», numa publicação semanal.

Da, relativamente extensa, rede dos nossos queridos assinantes, chega-nos, constantemente, o incitamento para esta empresa que reputamos justa e necessária, mas muito arriscada.

Felizmente, o nosso modesto jornal tem tido uma expansão que pode classificar-se de extraordinária para um modesto órgão de imprensa local; levando às cinco partes do mundo por onde há louletanos espalhados, o calor da sua fé, o conforto das novidades, da terra Mãe, o estabelecimento de um elo de ligação entre o que se tem e o que se deseja.

O aumento de trabalho, de preocupação, digamos mesmo de inquietação permanente, que esse facto nos acarretará pesam de tal forma na solução do problema que nos têm feito

(Continuação na 6.ª página)

«LOULÉ» na Revolução do Mestre de Avis na crise política de 1383 a 1385.

numa conferência do Sr. Dr. Alberto Iria na Sociedade Histórica da Independência de Portugal

PROMOVIDA pela Sociedade Histórica da Independência de Portugal e sob a presidência do Sr. General Silva Basto que tinha a ladeá-lo os Srs. Major Mateus Moreno, presidente da Casa do Algarve e Dr. Hernâni Cidade, presidente da Comissão de Defesa e Propaganda da Civilização Lusã; o nosso muito consi-

derado comprovinciano e ilustre Director do Arquivo Histórico Ultramarino, sr. Dr. Alberto Iria, proferiu no passado dia 8 uma brilhantíssima conferência sob o tema: «O ALGARVE, na crise política de 1383 a 1385».

Com base em Fernão Lopes, o conferencista apresentou valioso traba-

(Continuação na 6.ª página)

ANO I

N.º 4

1 DEZEMBRO

1956



Tempos modernos ou tempos de sempre?...

Por Casimiro de Brito

... aproxima-se o final da projecção. Uma vez mais, es-
coraçados pelo mundo, perseguidos pelos homens; (o ho-
mem lobo do homem) incompreendido por todos, Charlot e
a sua jovem companheira sentam-se no verde da relva, po-
bres e vencidos, vencidos mas não convencidos...

— Não vale a pena continuar, Charlot. Que fazemos
agora?

— Não te importes. Não, não te importes. **Havemos
de nos arranjar.**

Uma troca de sorrisos; a e-pança a voltar lentamente,
no seu eterno ressuscitar. Levantam-se. Dão-se as mãos e
caminham...

Na sua frente a estrada interminável que conduz à Vida;
recta, assustadoramente recta, sem sinuezagues (estes apa-
recerão depois, na estrada de cada espectador, na estrada de
cada homem, seja ele um Charlot bom e vagabundo, ou um
Verdoux sónico e snob).

Ao longe as montanhas. Muitas e cerradas montanhas.
As sentinelas do mundo. A fronteira. O fim a atingir.

Deixa, havemos de nos arranjar...

... A trilogia está patente. E' o símbolo de Charlot. O
Amor e a Verdade, a procurarem eternamente o Amor e a
Verdade. Os homens; a estrada que os conduz ao mundo; o
mundo. O princípio, o meio e o fim...

A estrada mostra-se aberta (ah! como ela nos engana)
franca, sem obstáculos. Mas os Cérebros aparecerão a cada
encruzilhada e defenderão o seu amo de modos imprevis-
tos, imprevisíveis. E' esse mundo que eles defendem, essa im-
pugnável fantasmagórica onde os homens tudo são e nada são,
onde as estradas se cruzam e confundem, se beijam e se
odeiam, onde o Ser ou o Não Ser é o problema essencial,
onde a luta faz parte do dia a dia num problemático desen-
contro de finalidades, que para uns constituem o **Prazer
de Viver** e para outros o **Horror de viver**, é esse mun-
do dizia, que é preciso alcançar a todo o custo. Alcançá-lo
pela luta, apanágio, princípio, meio e fim de todo o pro-
gresso e de todas as grandes criações.

«Charlot é um cidadão do mundo e o mundo repele-o»...
mas Charlot continua porque é Homem e Símbolo de Ho-
mens. Charlot, somos todos nós, homens de hoje e de sem-
pre, na busca insatisfeita de **mais e melhor de tudo e
de todos.**

Deixam-se melhor as montanhas do além. As suas for-
mas são menos agudas do que há pouco. Cresce o verde da
esperança. Arredondam-se as formas da montanha desejada.

**Sim, para além das montanhas o mundo será
melhor...**

**Mas a luta continua. A luta continuará sem-
pre...**

RECORTES

«... ou eu permaneço fechado, apesar de tudo, dono
e senhor de um mundo que só abro de tempos a tempos, e
ainda por enigmas, que são os versos do verdadeiro poeta?»

«Há uma coisa que nenhuma ideologia pode tirar aos
artistas verdadeiros: é a sua consciência de que são tão fun-
damentais à vida como o pão».

«Ter personalidade é um crime tão escandaloso no nos-
so tempo, que se fala das raras criaturas que ainda por feli-
cidade a possuem como de seres antidiluvianos. Ser de certa
maneira, não gostar disto ou daquilo, diferenciar-se dos ou-
tros — eis a heresia».

«O povo está divorciado da cultura, e encolhe-se cada
vez mais na sua fome e na sua ignorância. Somos nós, os
que saímos dele e queremos verdadeiramente servir, que te-
mos o dever de o procurar, de o esclarecer, de o interessar
activamente na sua própria salvação».

«Os homens são como as obras de arte: é preciso que
se não entenda tudo delas duma só vez».

Do Diário de Miguel Torga

Jovem amigo

Colabora conosco nesta obra que é o
nosso «Prisma».

Tudo nos serve: colaboração; opiniões
sobre o que temos feito; ideias para o fu-
turo de «Prisma».

Amigo: Nós precisamos da cultura,
mas ela precisa também de nós.

Para além das montanhas o mundo será melhor

Dois apontamentos a propósito de um filme de
Charles Chaplin, que vimos há dias

Palhaço

A Charlie Chaplin

A luz que vem enchendo a vida
Oíço-a num movimento de rodas soltas
Risos

Gargalhadas

Ou coisas loucas

Em paradas de saltimbancos

A voltear as artes mímicas

E à minha volta

A' volta de todos nós

Há galerias humanas esquecidas

Rindo do palhaço que salta e pula

Nos altos e baixos das nossas vidas

Risos de esperança

Que partem nos gestos

E vão sem medida nos olhos das crianças

E o palhaço vagabundo

Humano

Vai saltitando no vazio da sua ausência

Levar alegria

Aos homens e crianças

De todo o mundo.

Costa Mendes

Estrada na serra

P O E M A

E o homem rasgou novos caminhos...

Nem as montanhas
quebraram seu querer,
nem os vales
quebraram seu poder...

E os longes ficaram mais perto!
E os pais beijaram mais vezes os filhos!
E as cartas foram e vieram mais breves!

Como os filhos de Deus unidos são fortes ..

Como no meio da montanha
me sinto mais ínfimo
e me dá vontade de gritar,
num grito tão forte
que abarque todo o mundo...

Homens, uni-vos!
Abri novos caminhos.
Rasgai montanhas.
Passai os vales
numa ânsia ímense
— cada vez maior —
para que o mundo amanhã
seja melhor!...

Vivaldo Beldade

Atenção para 'ANGULO'

Angulo, o nosso camarada na luta pela elevação da cul-
tura nacional (suplemento das artes e das letras do jornal de
Moura A Planície), vai entrar na sua segunda fase a par-
tir do primeiro dia do próximo ano, celebrando essa data
com um número especial, de que temos presente o sumário,
que classificamos pura e simplesmente de magnífico.

Angulo é uma das colunas de Convívio (Prisma é outra
dessas colunas), uma espécie de Universidade Livre que to-
dos os jovens escritores portugueses poderão frequentar,
ainda que sem aulas nem livros didácticos.

O que nós queremos é apenas elevar a cultura do nosso
povo e interessar os nossos jovens nessa campanha de ele-
vação cultural.

Leia Angulo se é amigo de Prisma.

Leia Prisma se é amigo de Angulo.

... E contribuirá para uma grande obra de Ressurgimen-
to cultural. — Do vosso Prisma

Algumas considerações sobre o cineclubismo em Portugal

Por Casimiro de Brito

(Conclusão do número anterior)

Passam-se mais três anos, e é então que no Porto é fun-
dado o *Clube Português de Cinematografia*, que em 1948
passaria a usar a denominação de *Cine-Clube do Porto*.
Desde então o movimento enraizou-se definitivamente, e co-
meçou a debruçar-se sobre o resto do país. Em 1947 surgem
organizações similares em Lisboa, Coimbra e Olhão, que des-
te modo, foi a primeira terra do sul de Portugal, a formar o
seu clube de cinema. Pena foi, que a sua existência fosse tão
curta...

Em 1950 formam-se os conhecidos *Cine-Clube Imagem*
em Lisboa, e o *ABC Cine-Clube de Lisboa*. Passados mais
dois anos, em 1952 portanto, mais duas associações come-
çam a sua actividade cultural: o *Cine-Clube de Rio-Maior*
(que edita a excelente revista de Cinema VISOR — Órgão
do Movimento Cineclubista, dirigida pela ensaísta cinema-
tográfica FERNANDO DUARTE), e o *Cine-Clube Uni-
versitário de Lisboa*. Em 1954 só se fundou o *Cine-Clube
de Estremoz*, a cujos dirigentes se deve a feliz ideia das ses-
sões recomendadas (o Cine-clube recomenda aos seus asso-
ciados as sessões comerciais de bom cinema, que merecem
ser vistas, e distribui um folheto elucidativo das caracterís-
ticas do filme a exhibir. O Cine-clube de Faro tem recomen-
dado entre outros, «A importância de se chamar Ernesto» e
«Cyrano de Bergerac»).

Os cineclubistas começam a sentir a necessidade de jun-
tar os seus esforços, e, em Agosto de 1955, na cidade de
Coimbra, realiza-se o PRIMEIRO ENCONTRO DOS CI-
NE-CLUBES PORTUGUESES. Traçam-se os planos para
o futuro, criam-se comissões de dirigentes, enfim tenta-se me-
lhorar as condições do cineclubismo em Portugal.

Talvez como resultado deste encontro começam a fun-
dar-se, do Norte ao Sul de Portugal, novos cine-clubes. O
seu número começa a aumentar progressivamente, e apare-
cem cine-clubes em Braga, Oliveira de Azemeis, Viana do
Castelo, Castelo Branco, Aveiro, Faro, Vila Real de Santo
António, Setúbal, Torres Vedras, Santarém, Beira (Moçam-
bique), Vizeu, Figueira da Foz, etc. (Actualmente existem em
Portugal mais de 20.000 cineclubistas, espalhados por mais
de 20 clubes de cinema).

Alguns deles têm-se distinguido pela sua actividade ex-
traordinária, e o espírito de iniciativa dos seus dirigentes é
merecedor dos nossos elogios. Tal é o caso do primeiro dos
nossos clubes de cinema, o Cine-Clube do Porto, que vem
desenvolvendo uma obra notável na expansão da cultura
cinematográfica. A sua biblioteca é composta por mais de
700 obras relacionadas com o Cinema, bem como 146 colec-
ções de revistas nacionais e estrangeiras, colocadas à dispo-
sição dos seus associados. Além disso, o Cine-Clube do Porto
vem editando uma série de cadernos de cinema, que consti-
tui uma excelente participação para o estudo teórico da
arte das imagens em Portugal (entre os cadernos editados
distinguímos, porque conhecemos, «Breve História da Im-
prensa Cinematográfica Portuguesa» e «Cartas Abertas aos
Senhores Deputados da Nação»).

O Cineclubismo português é pois uma simpática realida-
de, colocada ao serviço da cultura nacional, num desejo fir-
me de levar a todos os cantos do nosso Portugal, o gosto
pelo cinema, essa magnífica Arte que melhor que qualquer
outra se nos transmite à sua mensagem artística, humana e
social. «Que outra Arte — perguntou Chaplin — pode tradu-
zir melhor o dinamismo do nosso mundo moderno? O Cine-
ma é sem dúvida, a Arte que melhor se integra no ambi-
ente do nosso século, porque melhor do que qualquer outra
nos pode transmitir a verdade humana sem os malabarismos
que são possíveis na Poesia, na Música ou na Pintura.

Urge pois, elevar a Arte cinematográfica, porque, para
citar VITTORIO DE SICA, «nós não temos o direito de
empregar a nossa câmara, esse formidável e maravilhoso
meio de expressão, em banalidades».

Os Clubes de Cinema criaram-se para elevar essa Arte
magnífica, para a estudar e para a compreender. Nasceram
para lhe limar as arestas separando o bom do mau cinema. A
definição de Cine-Clube, internacionalmente usada, [associa-
ção de fins não lucrativos, tendo por objectivo principal a
projectação e estudo de filmes em sessões privadas, com o fim
de, por este e outros meios, contribuir para o desenvolvi-
mento da cultura cinematográfica entre o grande público,
interessando-o pelo conhecimento da história, da técnica e
da estética do cinema], é suficientemente explícita para de-
monstrar que o Cineclubismo é um instrumento de cultura
tão importante como as bibliotecas, as exposições de pintura,
as Sociedades de Belas Artes e de Concerto. Porque não
integrar o Cineclubismo na feliz Campanha de Educação
Popular que o nosso Estado está a levar a cabo?

O Cineclubismo luta ainda com certas dificuldades que
não lhe permitem realizar completamente o seu vasto plano.
Mas o Movimento continua a impor-se à admiração de to-
dos os que compreendem o seu alto significado, e toda a sua
actividade pode esquematizar-se nesta legenda: SERVIR O
CINEMA E TODOS OS QUE SE INTERESSAM PELO
CINEMA.

A 16 de Abril deste ano criou-se a Federação Portugue-
sa dos Cine-Clubes, cujos vogais foram recentemente eleitos
pelo S.N.I., e em Agosto passado realizou-se na Figueira da

(Continuação na 7.ª página)

Ainda o Problema da Educação Louletanos em destaque

(Continuação de 1.ª página)

rante o cortejo se daria uma revolta. Todos nós o sabíamos e todos tínhamos tomado a firme decisão de não arredar pé, houvesse o que houvesse. O Rossio era um mar de cabeças; janelas e telhados estavam apinhados de gente. Nações estrangeiras tinham-se feito representar enviando as suas bandeiras com escolta militar.

Subitamente — não se sabe por que motivo — parece que uma câmara de ar rebentou algures — principiou a erguer-se um clamor surdo e distante como de avalanche que se aproxima, clamor que rapidamente avolumou tornando-se numa onda de gritos dum pavor indescritível. Tomada de pânico a multidão na ânsia de fugir atropelou-se, arrombou portas e estilhaçou montras de lojas e dum momento para o outro a imensa praça ficou deserta como se um grande vento ciclónico a varresse. O cortejo desfez-se e destroçaram as forças militares; ouviam-se disparos de tiros que partiam não se sabia de onde. Na grande praça nua só restavam duas formaturas impeccavelmente hirtas e apuradas: a escolta de soldados ingleses junto da sua bandeira e a Companhia do Colégio Militar com os seus soldaditos de palmo e meio.

Naquele tempo não existia aula de Moral.

Seria errado — e portanto injusto — se eu dissesse que noutro tempo havia Moral sem haver Aula e hoje há Aula sem haver Moral. A cousa não é exactamente assim; mas aproxima-se muito. Na série de artigos que publiquei no «Correio do Sul» e que intitulei «Um Problema do Senso Comum» expus as razões que explicam a aparente anomalia da Moral não ter feito progresso algum depois que se instituiu o seu ensino. Citei os dois defeitos fundamentais deste ensino: um pedagógico e outro de doutrina.

O problema é de alto interesse e deveria merecer a aten-

ção de todas as pessoas honestas e ser tratado a sério; mas na maioria dos pequenos periódicos de província é muito difícil — para não dizer impossível — tratar a sério qualquer problema que saia fora da banalidade, da louvaminha, do elogio mútuo, do elogio próprio, e da página de anúncios.

Perfeitamente enquadrados na estreita mentalidade que obriga a fazer um jogo de aparências esses periódicos rejeitam tudo que possua alguma isenção de espírito. Contudo — repito — é necessário tratar a tempo duma Educação eficaz que ensine o indivíduo a ser honesto. É necessário que o conceito de Disciplina corresponda a uma realidade integrada no espírito e não seja apenas um jogo de aparências escondendo um jogo de interesses. O que é preciso — quaisquer que sejam os nossos credos — o que é preciso antes de mais nada é ter Carácter — proceder com seriedade, exercer a Caridade que for possível e amar a sua Pátria com inteiro espírito de sacrifício. Isto é o fundamental e o que verdadeiramente deve ser ministrado — por mestres hábeis e competentes — num ensino moral. Tal como tem sido exercido este pretensão ensino — descurando o essencial do seu objectivo — não só é ineficaz como se torna nocivo.

Pergunto: na experiência quotidiana das relações entre os homens, acaso se descortina algum sintoma que permita suspeitar que se elevou o nível moral? Nota-se algum progresso em matéria de Educação? Teremos construído uma Consciência, formado um Carácter ou existe realmente alguma desinteressada atitude idealista que permita afirmar uma supremacia dos valores do Espírito? Somos mais honestos?

Se alguém se interessar por este Problema e o desejar tratar com seriedade, elevação de doutrina e isenção de espírito, preocupando-se apenas com a clareza de raciocínio e pondo de lado toda a preocupação mesquinha doutrinária de ideias, que me responda a estas perguntas.

Ou será isto uma banalidade sem importância que não mereça a nossa atenção?

A. Santa Clara

IMPRESSOS ECONÓMICOS RÁPIDOS PERFEITOS

Executam-se na
Gráfica Louletana
Telefone 216
LOULÉ

Automóveis VENDEM-SE

Automóvel Prefect S 16
Peugeot 203 S 18
Furgoneta Taunus M 15 S 22
Fordson S 22.
Tratar com Basílio do Nascimento — Telef. 74 — Loulé.

PROPRIEDADES VENDEM-SE

1 monte bem situado junto à Estrada e várias propriedades de Silvestra Maria. Quem pretender dirija-se a Vitória Silvestre Lourenço — Sítio dos Malhadais — BOLIQUIME.

(Continuação da 1.ª página)

Governo Geral da Província de Moçambique. Depois de passar a Secretário do Governador foi nomeado Secretário Provincial e no importante departamento a seu cargo tem desenvolvido uma acção de tal forma saneadora, profícua, sensata e brilhante que é, segundo notícias daquelas paragens, das pessoas mais respeitadas, consideradas e queridas da capital moçambicana.

A sua escolha para o alto cargo de Governador de Macau, não é mais do que o reconhecimento da sua experiência como homem de Governo e do apuro, do critério de justiça e das qualidades de trabalho com que incansavelmente tem servido o País no Ultramar.

O Comandante Daniel Rocheta

vai comandar

O Porto de L. Marques

TAMBÉM este louletano e nosso querido amigo, depois de ter vindo à metrópole para frequentar o Curso Naval de Guerra em que se classificou em 1.º lugar, vai regressar a Lourenço Marques, de cujo porto foi nomeado capitão.

O facto mostra o apreço de que este distinto oficial goza nos meios navais e ultramarinos, pois até há pouco exerceu as funções de Secretário do Governador Geral de Moçambique.

Aprez-nos registar estes factos, não só por se tratar de dois velhos amigos, mas também pela sua qualidade de louletanos dedicados que enriquecem os pergaminhos da sua terra. Daqui os felicitamos com os desejos de que as suas carreiras mantenham o ritmo ascensional a que as suas qualidades lhes dão jus.

Jogos Florais

comemorativos das
Bodas de Ouro da
Sociedade R. A. Farense

AS composições para este brilhante certame que terá lugar no dia 16 de Dezembro no Salão de Festas daquela prestimosa Sociedade, serão dos seguintes generos:

a) Soneto; b) Quadra popular; c) Poesia obrigada a mote; d) Poesia lírica (clássica ou moderna); e) Poesia alusiva ao Algarve.

Deverão ser enviadas três cópias de cada produção, sempre dactilografadas, até às 0 (zero) horas do dia 15 de Dezembro, para a Direcção da referida Sociedade, com a indicação nos envelopes exteriores de «Jogos Florais».

A quadra escolhida para a poesia obrigada a mote, da autoria do poeta Dr. Emiliano da Costa, é a seguinte:

Ó partideira de amendoas
E's a minha desventura...
Das pedras com que tu bates
A do peito é a mais dura.

AGORA

e sempre que necessite de quaisquer trabalhos tipográficos deve confiá-los à
GRÁFICA LOULETANA
Telefone 216 **LOULÉ**

Peregrinação a N. Senhora da Piedade

(Continuação da 1.ª página)

toridades distritais e locais, sendo o cortejo fechado por nova e grande quantidade de pessoas que as camionetes, automóveis e outros meios de transporte iam despejando nesta vila.

De vários pontos do concelho e até de Faro e St.ª Bárbara de Nexe muitos peregrinos vieram a pé.

No adro da Ermida e perante a Imagem Veneranda da Mãe Soberana, foi celebrada Missa vespertina pelo Senhor Bispo que, à homilia, exprimiu veementemente o protesto da cristandade a seu cargo pelos massacres e violências de que foi vítima o povo húngaro e exortou os cristãos a que observassem com mais rigor e verdadeira sinceridade, os preceitos da Lei de Deus, cuja transgressão, tantas vezes, suscita e justifica os flagelos como castigo e meio de purificação da humanidade desviada. E talvez a ameaça de guerra total que impende sobre o mundo, seja o justo castigo para os homens que, não obstante o aviso trazido pela Mensagem de Fátima, continuam surdos aos preceitos cristãos, quer na sua vida privada e familiar, quer na sua vida pública e social.

Junto do altar alguém empunhava uma bandeira da Hungria.

Era já quase noite quando os últimos peregrinos saíram de junto da Ermida, pois a multidão que enchia o adro e a ladeira, até por baixo da cruz grande, teve dificuldade em dispersar rapidamente.

Formulamos votos sinceros por que as intenções da romagem e as palavras do sr. D. Frei Francisco Rendeiro, não tenham sido, por muitos, esquecidas logo que o Monte da Piedade lhes ficou para trás.

Original retido

POR absoluta falta de espaço, somos forçados a reservar para os próximos números diversos artigos e poesias que amáveis colaboradores tiveram a gentileza de nos enviar para este número de aniversário e que muito reconhecidamente agra decemos, pedindo desculpa da demora a que esse original ficou sujeito.



FUTEBOL

A contar para o torneio de apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão realizou-se no dia 25 de Novembro último, no Estádio Municipal desta vila, sito à Campina de Cima, o encontro da 3.ª jornada entre o Louletano Desportos Clube e o Boa Esperança A. C. Portimonense, terminando com um empate a uma bola.

Arbitragem a cargo do sr. Florival Agostinho, de Lagos.

Pelo Louletano, alinharam: José Francisco, Joaquim Neves, José António, Romeiro, Loureiro, e Américo Correia, Serra, Bernardo, João Ramos, Alberto Silva e Casimiro.

A saída pertenceu aos visitantes que, logo, puzeram em perigo as redes do guarda-redes; porém, o Louletano contra atacou, perdendo boa oportunidade de golo pois o esférico saiu a arrazar a trave.

Aos 15 minutos da 2.ª parte, contra a corrente do jogo, o Boa Esperança, aproveitando um passe de Américo Gomes ao seu guarda-redes em péssimas condições de o poder fazer, marcou o seu primeiro e único golo.

A equipe local não desanimou e aos 30 minutos estabeleceu o empate por intermédio de Bernardo, resultando com que finalizou o encontro.

Do Louletano, duma maneira geral todos cumpriram, não havendo por isso nomes a distinguir e dos visitantes salientou-se o guarda-redes.

Péssima arbitragem que em muito contribuiu para que o Louletano não saísse vencedor.

Após 3.ª jornada a classificação geral ficou assim estabelecida:

- 1.º Lusitano — 5 pontos
- 2.º C. F. Esperança de Lagos — 4 pontos.
- 3.º F. C. Unidos Sambrazense e Boa Esperança A. C. Portimonense — 3 pontos.
- 4.º Louletano Desportos Clube — 2 pontos.
- 5.º Silves F. C. — 1 ponto.

AGRADECIMENTO

António de Sousa Pencarinha

Sua família, profundamente grata, vem por este meio tornar público o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada ou por qualquer outra forma lhe manifestaram o seu pesar.

A todos, o seu eterno reconhecimento de muita gratidão.

Contribuir para a expansão do jornal da sua terra é dar uma demonstração de bairrismo.

ATENÇÃO

A Papelaria e Livraria «ARTYS», avisa os Ex.ªs Pais e Encarregados de Educação de que, além de ter todo o material necessário aos estudantes, facilita-lhes a sua aquisição, com a abertura de uma conta corrente

Todos à «ARTYS» — Rua de Santo António, 92
(frente ao Café BRASILEIRA — Faro)

ARTISTAS DO ALGARVE Saudades *Apropósitos*

A Homenagem

A

Bernardo
de Passos

NA

Emissora Nacional

NA noite de 24 de Outubro, tendo ligado o rádio para a Emissora Nacional, a fim de ouvir o programa de «Poesia, Música e Sonho» do grande poeta Miguel Trigueiros, fiquei de-
veras surpreendido, ao anunciarem poesias do poeta Bernardo de Passos com comentários do Dr. Vergílio Passos.

Quando, há três anos, publiquei «O Lirismo em Bernardo de Passos» ofereci a Miguel Trigueiros esse estudo, sobre o meu tio Bernardo. Estava agora longe de ouvir, nessa meia hora de arte da Emissora Nacional, as poesias do trabalho, declaradas pela poetisa Odette André e Manuel Lerenó.

Miguel Trigueiros, o ilustre Director da «Flama», poeta de requintada sensibilidade, quis prestar, ao poeta de S. Brás, no momento em que a sua consagração pública se está a materializar num curioso e original monumento na terra em que nasceu, uma bela e justa homenagem. Desejou dar a conhecer a alma do poeta, pelas suas mais belas poesias, transmitidas a todos os portugueses espalhados pelo mundo, na voz quente de dois consagrados artistas,

CASA

Aluga-se uma casa, num dos melhores pontos da vila, servindo para qualquer ramo de negócio ou moradia.

Entrega imediata da chave sem trespasse.

Dão-se informações nesta redacção.



Olette André e Manuel Lerenó.

Miguel Trigueiros teve a gentileza de dizer que eram meus os comentários, e, respigou-os de «O Lirismo em Bernardo de Passos» onde, o Doutor Júlio Dantas prefaciando, afirma:

«Vi sempre em Bernardo de Passos uma reencarnação de João de Deus. A mesma liça cristalina; a mesma infinita espiritualidade; a mesma doçura angélica; a mesma «música interior», como dizia o velho Goethe; a mesma sim

(Continuação na 7.ª página)

A NOSSA ESTANTE

Catamount na Terra do Ódio

A simples indicação dos nomes dos capítulos de que se compõe este volume da colecção «Os melhores romances de aventuras», editada pela Livraria Clásica Editora, dá-nos a certeza de que se trata dum livro cheio de interesse e que decerto agradará aos leitores não só da especialidade como a todos dum modo geral. Ei-la: Mensageiro da morte; Sylvia, a jovem selvagem; A casa dos Mortimer; Uma vendetta no «Far-West»; Dois tiros; A «Winchester»; Vingança não é justiça; O Sheriff de Mountain City; Os dois métodos; Tumulto em Spine Hill; Um inquérito que começa mal; Uma captura movimentada; O interrogatório; A fuga de Hal; O índio acusa; Winston reaparece; O esconderijo de Red Bluff; A murro; O criminoso; Catamount pacificador.

C. T.

DE LOULÉ

Pelo Major Sousa Nunes

E sou apenas da Fonte de Apra, um sítio, a nosso ver, dos mais pitorescos do concelho e que tem sofrido alguns enxovalhos, sem nenhuma razão.

Quando lhe apearam a cúpula da fonte, por exemplo que os romanos nos deixaram, entenderam também afugentar com troça a moura encantada, que trazia e ainda traz aqueles povos enlevados. Isto se deve ao glorioso historiador, e ilustre forasteiro que julgou conhecer Loulé melhor que ninguém: Dr. Ataíde de Oliveira.

Toda a semana, na meninice, eu esperava com alvoroço, que chegasse o domingo, para ir rever-me nas vidraças das lojas e deslumbrar-me nos dourados da obra de talha da igreja onde ouvia missa.

Era uma penitência de cinco quilómetros que se fazia de gosto, em qualquer meio de transporte, sendo o pedestre o mais recomendado a quem tinha seu culto pelas belezas campezinhas.

O meu primeiro extasiamento, ao sair de ao pé da fonte repetia-se sempre ao deixar Betunes e espraia a minha vista pela extensa Campina de Cima erigida de moinhos de vento que o progresso immobilizou, na sua grande parte, em holocausto às moagens mecânicas.

A entrada, do lado esquerdo da estrada, levantam-se três a quatro cruces, junto das quais o montanheiro bem educadinho ajoelhava, na lama ou no pó, com o seu chapéu na mão (uma coisa que os homens usaram para se defenderem da chuva e do calor e cumprimentar as senhoras) e resava um padre nosso e uma avê-Maria, à veneranda Mãe Soberana, Nossa Senhora da Piedade, na sua branca capelinha, posta num alto para lá da vila.

Estes costumes creio que se perderam. Hoje moro mais longe e não posso ir lá tanta vez. Duas vezes por mês regalo-me e mato saudades lendo o jornal da terra, «Voz de Loulé», que o esforço e boa vontade dos beneméritos louletanos mantêm nobremente

Sousa Nunes

Se é amigo

deste jornal indique-nos endereços de pessoas a quem o possamos enviar. Faça de cada um dos seus amigos um amigo de «A Voz de Loulé».

Conseguir mais um assinante é dar à «Voz de Loulé» mais uma possibilidade de melhor servir a nossa linda terra.

DEFINIÇÃO—Segundo o Dicionário de Moraes, é o *apropósito* um substantivo masculino, formado de *a* + *propósito*, que quer dizer: «dito ou escrito, inspirado adequadamente e que visa a certo propósito; dito judicioso e oportuno a tal ou tal respeito».

Ao escolher o título desta secção, pareceu-me este de *apropósitos* o mais *apropositado* ao fim que me proponho de colaborar assiduamente neste periódico. Nada de artigos longos, que a maior parte dos leitores não lê, mas curtas notas, apontamentos breves e variados, a propósito de tudo e de nada, que ao autor pareça poderem ter algum interesse para o impaciente e apressado leitor de hoje em dia. Longe vai já—e não sei se feliz se infelizmente—o tempo em que um artigo de fundo substancioso era o prato de resistência da grande e da pequena imprensa. Outros são os tempos, outros os costumes. Também no antigamente a culinária se baseava em pratos fortes. Hoje petiscamos de preferência nos aperitivos.

Se D. Catarina, Duquesa de Bragança...

Os estudiosos da história entretêm-se por vezes com curiosos brinquedos, já que o brincar é próprio de todas as idades e condições, mesmo que se trate de conspícuos historiadores. Assim é que tenho lido ultimamente interessantes estudos sobre temas como este: «Se Nelson tivesse perdido a batalha de Trafalgar...»; «Se Pôncio Pilatos tivesse dito que não...»; «Se Carlos Dickens tivesse sido um homem feliz...»; «Se a bomba de Munique tivesse matado Hitler...»; «Se o nariz de Cleópatra...»

Ora, nesta altura em que passa mais um aniversário da Revolução de 1640, ocorre-me que alguém, com tempo, poderia estu-

dar semelhantemente o seguinte tema: «Se a Duquesa de Bragança, D. Catarina, tivesse aceitado a proposta de casamento que lhe fez Filipe II de Espanha, pouco depois das Córtes de Tomar...».

Quem sabe «o que teria sucedido se D. Catarina não tivesse respondido» que ela não havia de trocar as memórias do Duque D. João pela vidade da Corça de Espanha, nem ofender o direito de seu filho o Duque D. Teodósio por nenhum respeito humano?

Bom sinal

Parece quase incrível, mas é verdade: por mais que aumente o grande desvairo do mundo do nosso tempo; por mais que o

(Continuação na 7.ª página)

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

Algarve

Algarve, meu lindo Algarve
Das amendoeiras em flôr
Terra de sonho e de lendas...
Terra de luz e de côr

Algarve da beira-mar
Dos montes, e noras, e moinhos
Do corridinho dançado
Ao som de harmónio e ferrinhos

Das verdejantes figueiras
Das chaminés rendilhadas
Das casas brancas de neve
Das lindas praias douradas

Das noites de lua cheia...
Castelos evocadores...
De Sagres, berço de glória
Dos nossos navegadores...

Do céu puro e luminoso
Como não vi outro igual
Tu és, Algarve, o cantinho
Mais lindo, de Portugal

Uma Settimana

No vosso interesse...

Não COMPRE...
VENDE...
TROQUE...

AU 1 MÓVEIS OU FOURGONETAS

SEM CONSULTAR

Manuel Rodrigues Martins (Manuel Anica)

As melhores condições de preços
GARANTIA E HONESTIDADE

Em LISBOA—Rua General Simel de Cordes, 13-E
Em LOULÉ ————— Telefone 8

Associação de Assistência à MENDICIDADE

NEM tudo são espinhos e abrolhos nesta senda que afadigamosamente trilhamos, por mandado das pessoas caridosas e amigas da sua terra, de limparmos a vila do triste e doloroso aspecto que lhe dava a pobreza indigente vagueando aos bandos, de porta em porta, pelas ruas e praças desta até hoje formosa e limpa localidade. Sentimos, muitas vezes, o conforto da ajuda de muitas pessoas verdadeiramente dedicadas à caridade e amor do próximo, desejosas de o auxiliar nas suas faltas e aflições, que, num espírito de abnegação que só realça as virtudes de suas excelsas almas, nos enviam continuamente oferendas de toda a espécie em dinheiro, géneros e roupas, para distribuímos pelos pobres nossos assistidos. Isso fazemos, muito gostosamente, no cumprimento do nosso dever e no reconhecimento, que aqui significamos, pelos altos méritos da sua ajuda, pelos reflexos da sua simpatia pela Obra, que a sua magnífica actuação traduz em reforço da mesma Obra.

Dissemos no início da nossa missão que Loulé queria e sabia querer. Não nos enganamos. A Associação de Assistência à Mendicidade está amparada pelo carinho e boa vontade dos louletanos, que põem nisso os seus melhores brios, e, por isso, ela não perecerá. É impressionante verificar como a cotização, assim importante para o nosso meio, anda inteiramente em dia, e, com a ajuda das entidades oficiais, lá vamos singrando.

Não é ainda perfeita e completa a nossa assistência? Ninguém mais do que nós se lamenta disso. Mas para lá caminhamos, com fé e persistência, e esperamos que esse objectivo será atingido.

Quando Loulé puder dizer com toda a segurança que não há indigentes pelas ruas da sua terra, por que disso se encarregam todos os seus naturais que o podem fazer, terá Loulé atingido o máximo de fulgor social a que uma localidade pode aspirar. E isso não é impraticável nem impossível. Basta prosseguir no bom caminho em boa hora encetado.

(Continuação na 6.ª página)

NOTÍCIAS de ALBUFEIRA

— A Câmara Municipal desta vila acaba de mandar instalar um novo motor na Central Eléctrica, com o que ficou assegurado o fornecimento de energia

— Encontra-se nesta vila o nosso conterrâneo e importante capitalista Sr. Joaquim Vinhas Cabrita, que aqui veio tratar do início das obras do Hotel que vai mandar construir nesta praia.

— No sítio do Pinhal foi há dias atropelado pelo Sr. José Maria Guerreiro, que conduzia o seu automóvel em direcção a Faro, o menor António Manuel Gregório da Conceição, de 4 anos, o qual transportado imediatamente ao Hospital desta vila chegou já sem vida.

Era filho de David da Conceição e de Lourdes Gregório, servente no mesmo Hospital.

A. Leote

PRÉDIOS VENDEM-SE

Por motivo de partilhas, vendem-se 3 prédios pertencentes aos herdeiros de Sebastiana Maria Guerreiro, situados na Rua Dr. J. Almeida e Rua António C. Ascensão.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — LOULÉ

Cultura Louletana

Um concurso baizista

MAIS duas das, aliás poucas, produções recebidas para este concurso se publicam neste número.

Continuamos a receber original para os retardatários que desejem concorrer.

Parece realmente mentira que a mocidade louletana mostre tão pouco interesse pela sua terra.

Se bem que já, nesta secção, um dos concorrentes tivesse apresentado uma produção subordinada ao título «Já Loulé não, é Loulé».

Um dia de festa

TRÊS horas. O carro deslizava velozmente pela estrada. Uma brisa agreste fustigava-me o rosto. As árvores à minha volta fugiam como que espavoridas; as casas mal as avistava desapareciam rapidamente. Olhei em volta: o campo estava belo — um verde erbáceo brotava do solo, vigoroso; as amendoeiras tocadas do seu manto de neve, resplandeciam... Subitamente divisei ao longe um molho de casas — era Loulé. Depressa nos aproximámos. O carro abrandara a marcha e, lentamente, encaminhámo-nos para o local onde se realizava com o maior brilhantismo as já famosas e tradicionais Batalhas de Flores Louletanas.

Nas ruas, num borburinho ruidoso, formigava gente de todas as classes. Na artéria principal, que dava acesso ao recinto, o movimento era enorme — ora o louletano janota, de fato domingueiro, descendo a avenida contemplativo; ora estudantes, sorriso nos lábios, brilho no olhar, cheirando a Coimbra, que passavam em grupos, ruidosamente; ora ingleses que subiam, em contraste flagrante, serenos, glaciais, avançando imponentes como «icebergues» enormes.

Entre a multidão, aproximei-me da entrada. Entrei. A Batalha já ti-

(Continuação na 6.ª página)

Se deseja

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 — LOULÉ

Dá

Terra preta, apropriada para fazer horta, a tirar de um quintal sito na Rua 1.ª de Dezembro, desta vila.

Quem pretender dirija-se a Manuel Silvério Castro Martins.

Se aprecia

«A VOZ DE LOULÉ»

recomende-a aos seus amigos

Plano de Actividades da Câmara Municipal de Loulé - 1957

(CONCLUSÃO)

Melhoramentos nas sedes das freguesias rurais

É desejo desta Câmara levar às povoações rurais aquele mínimo de conforto a que têm direito, de forma a poder-se fixar o indivíduo à terra, evitando ou moderando, tanto quanto possível, o fenómeno do urbanismo excessivo, que tantos prejuízos tem causado à agricultura, constituindo, ao mesmo tempo, um factor de desagregação familiar e social.

Além da electrificação da maior parte do concelho, obra de larga envergadura que está em curso, tomou já o Município a iniciativa de organizar um plano geral de estudos de fontes e poços rurais, com as participações da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, além de outros projectos referentes a escolas, caminhos vicinais e outros melhoramentos que deverão proporcionar aos seus habitantes um maior interesse e carinho pela terra onde nasceram e possuem os seus bens.

A Câmara prosseguirá com as obras e melhoramentos iniciados no ano anterior, cuja conclusão não foi possível durante esse período, e realizará, dentro da medida do possível, as seguintes obras previstas e calculadas para 1957:

Pavimentação das placas centrais da Avenida José da Costa Mealha e iluminação desta importante artéria de Loulé	400.000\$00
Melhoramentos e pavimentação de diversos arruamentos de Loulé — 1.ª fase (Pavimentação do Largo de Sapadores de Caminhos de Ferro, etc.)	100.000\$00
Construção do Parque da Vila — 3.ª fase (Campo de Jogos)	100.000\$00
Construção do Centro de Assistência Polivalente em Loulé Cont. da Câmara.	45.000\$00
Reparação e melhoramentos de fontes e poços do Concelho	80.000\$00
Reparação e Conservação de Estradas e Caminhos	80.000\$00
Reparação da Estrada Municipal «Loulé-Salir» 4.ª e 5.ª fases	200.000\$00
Reparação da E. M. «Fonte Coberta a Almancil» — 2.ª fase	150.000\$00
Supressão da pas. de nível da Maritenda	180.000\$00
Ampliação da rede de abastecimento de água à sede do Concelho	100.000\$00
Ampliação da rede de esgotos da sede do Concelho	100.000\$00
Abastecimento de águas a Salir	150.000\$00
Abastecimento de águas a Boliqueime — estudos e pesquisas	100.000\$00
Melhoramentos do Mercado da Vila	30.000\$00
Ampliação do Jazigo Municipal e construção de uma casa mortuária no Cemitério da Vila	100.000\$00
Obras de electrificação das freguesias rurais do Concelho — 1.ª e 2.ª fases	6.000.000\$00
Reparação do Poço de Alfentes e beneficiação do caminho de acesso	50.000\$00
Construção do pavilhão do Matadouro	20.000\$00

Loulé, 5 de Setembro de 1956.

O Presidente da Câmara,

Dr. Maurício Serafim Monteiro

Apontamentos sobre a História de Loulé

Pelo Dr. Raimundo Ascensão

Os dirigentes das confrarias eram de nomeação da Câmara. É o que se desprende do seguinte facto, narrado por Ataíde de Oliveira (op. cit., pag. 78).

«Em 31 de Dezembro de 1755 a Câmara nomeou o juiz e mais oficiais das confrarias da Senhora da Piedade, S. Sebastião e Santa Luiza (1) e bem assim os juizes e mais oficiais das diferentes mordomias da vila.»

Sobre as atribuições do juiz de fora, o mesmo autor conta-nos dois factos

que muito nos elucidam. O primeiro refere-se à construção de um prédio, em 1775, por um desembargador. O juiz de fora que estava de relações cortadas com o dono do prédio em construção, embarcou a obra «com o fundamento de que naquele prédio, puramente particular, se procurava imitar os estilos reais, empregados pelo Marquês de Pombal nos edifícios do Estado; e que o desembargador empregava o estilo de reintegration no cunhal do prédio, a

exemplo dos prédios reais.» A questão durou muito tempo sem solução — e a obra parou.

O outro facto é mais recente. Em fins de 1803, o juiz de fora mandou levantar uma torre para o relógio. Entretanto foi transferido e querendo completar a obra, apesar da torre estar ainda a pequena altura, aí a mandou fechar. A torre ficou assim até hoje.

— (1) Deve ser: Santa Luzia, pois refere-se à mesma Santa e é o nome que hoje tem.

No 4.º Aniversário de «A Voz de Loulé»

(Continuação da 1.ª página)

«A Voz de Loulé» pela sua expansão, pela posição que já hoje ocupa na Imprensa Algarvia, tem de passar a publicar-se semanalmente.

Este modesto quinzenário assumiu já responsabilidades a que não pode furtar-se. Tem um público e bem numeroso que o lê; é esse mesmo público que lhe é fiel e o Algarve que já lhe deve inestimáveis serviços, que impõe a sua publicação semanal.

«A Voz de Loulé», tem de ser semanário e há-de sê-lo muito brevemente, assim o exigem os direitos sagrados da província que defende!

Hoje, um jornal, forma um importante conjunto de complexos jornalísticos que muitos desconhecem; e as vantagens duma localidade em o possuir, reside na união de todos: colaboradores, assinantes, anunciantes e amigos.

Quantas aspirações e justos anseios não ficariam no esquecimento, se não fossem as colunas dessas «folhas de couve» que se publicam na provincial!

Quantas capacidades intelectuais e de realização ficariam na sombra, quantas vocações e dedicações deixariam de manifestar-se, — se não existissem estas modestas folhas impressas?

E a quem são devidos tais periódicos que não rendem dinheiro, que não podem pagar sequer os serviços da redacção nem aos colaboradores? — Ao sacrifício de algumas escassas dedicadas pessoas, que se entregam de alma e coração a esse obscuro sacerdotício!

Avante por Loulé, pelo Nosso Algarve, engrossando as fileiras dos amigos de «A Voz de Loulé»!

Eu, — ontem como hoje: Estou Presente!

Luís Sebastião Peres

Ecos de SALIR

— Na noite de 20 do corrente, realizou-se no Salão paroquial uma sessão cultural promovida pela Campanha Nacional de Educação de Adultos a qual foi dirigida pelo Sr. Professor Araújo Ferreira, que usou da palavra explicando o significado do acto dizendo que a Campanha terminará em Dezembro passando a funcionar em sua substituição o Curso de Adultos. Falou depois a Sr.ª D. Benedita do Carmo Santos, distinta professora oficial nesta localidade sobre as vantagens que a Campanha e o Curso tem proporcionado aos Adultos, ambos os oradores foram muito aplaudidos pela assistência que encheu a sala.

No final foram exibidos alguns filmes que bastante agradaram.

— No dia 18, o Rev.º Paroco desta localidade celebrou na Igreja Matriz uma hora de adoração ao S.º Sacramento que estava exposto, pedindo a Deus a paz do Mundo.

— A fim de se incorporarem na grande peregrinação Diocesana que no passado dia 25 se realizou ao Santuário de N.º S.ª da Piedade em Loulé, foram desta localidade cerca de 300 pessoas de todas as categorias sociais. Como penitência fizeram o percurso a pé que é cerca de 16 quilómetros.

Cultura Louletana Um dia de festa

(Continuação da 5.ª página)

nha começado. A mole humana passava ante o desfile magestoso dos carros alegóricos. Um grupo de jovens pelejava rijamente com um carro soberbo, que rodava agora na minha frente. Representava um ferro. Todo vermelho, com uma boca enorme, escancarada, lembrando uma boca de crocodilo, com brasas que lançavam faíscas para todos os lados. E que brasas! Vermelhas, incandescentes, vivas, lá iam contagiando a multidão com o calor grato que exalavam. Soube que eram de Querença.

Agora numa suntuosidade fria, avançava um castelo mourisco. Simbolizava a lenda da Moura Encantada. No alto, entre as ameias, o príncipe e a moura olhavam, vagos — a moura, encantada com a paisagem, o príncipe, encantado com a moura. Em baixo, as moças vistosas, vestidas de branco, simulavam a neve. Revelava deveras um gosto apurado. Olhei o melhor, li Alte.

A voz estridente dos altofalantes anunciavam a exibição dos Pauliteiros de Miranda e do casamento à antiga pelo grupo de Alte. A atenção desviava-se toda para o palco, numa expectativa.

No horizonte o sol ia baixando e tingia as nuvens de tonalidades rosas. A festa aproximava-se do fim. O entusiasmo arrefecera. Os carros pouco a pouco iam recolhendo, uma multidão cansada procurava agora as saídas precipitadamente. Cá fora o ronco dos motores atroava os ares — era a debandada.

A noite duma frieza glacial descerá rapidamente. Fui ao cinema. Quando sai uma chuva miudinha molhava a calçada. Os cafés abarrotavam; lá dentro respirava-se uma atmosfera pesada de fumo. Nos bailes, enlaçados amorosamente, os pares tanguavam, enlanguescidos por uma noite de prazer — A festa continuava.

Deitei-me já tarde. No dia seguinte deixava, saudoso, a bairrista e gloriosa Loulé, que tão galhardamente sabia honrar o nome dos que lá nasceram, e patentear à admiração alheia as suas mais belas qualidades de bairrismo e hospitalidade, que já a tornam famosa.

HELDERALTE

Duarte Pacheco

Orgulho incontestável p'ra Loulé Este nome que soa como um eco; Muito embora o leitor saiba quem é, Não é demais lembrar: Duarte Pacheco!

Presidente da Camara de Lisboa, Engenheiro, ministro inequalável! Louletanos amigos, só magua Ter-se dado o desastre lamentável...

Arrancou-nos a morte, o verdadeiro Testemunho da gente Louletana; Porém, honra-se a Pátria Lusitana

Com as obras que fez o Engenheiro. Não será, em Loulé, o derradeiro Monumento a marcar a sua fama.

Adriano Pires de Lemos

Técnico Agrícola

Com longa prática de administração e avaliação de propriedades rústicas, põe à disposição dos interessados a sua colaboração.

Resposta a:

CARLOS G. RIBEIRO — Rua 5 de Outubro, 60 - 1.º Esq. (Rua da Lojas)—Loulé.

Loulé Uma data na Revolução do Mestre de Avis

(Continuação da 1.ª página)

lho, demonstrando à luz dos novos documentos, a interferência do Algarve abertamente ao lado do Mestre de Avis.

A Revolução, teve em Tavira e Loulé, o seu maior fulcro, sobretudo na ponte romana da cidade do Séqua, onde se pelejou de maneira dura e patriótica. Loulé, na Revolução Nacional do Mestre de Avis, deu contributo farto e vasto, com os seus produtos e em homens; famílias ilustres louletanas, como os Barretos, os Corte-Reais de Faro e outros.

O Clero e a Nobresa tiveram papel preponderante, enfileirando nas hostes aguerridas do Mestre, juntamente com a cidade de Lisboa, que era a cabeça da Revolução.

Foi na cidade de Santa Maria do Castelo de Tavira que a Revolução teve os seus mais decisivos lances, contribuindo esta cidade com homens e 1.000 libras; e desta partiu o tratado da Paz e Aliança com Castela.

A honra dos portugueses que parecia comprometida, foi patrioticamente defendida por esmagadora maioria dos habitantes de Portugal, cristãos, mouros e judeus.

Mais adiante, o sr. Dr. Iria, afirma: «Aproximava-se agora o momento de os portugueses poderem finalmente concretizar, em terras de mouros africanos, uma conquista de largos horizontes, abertos à expansão ultramarina, o seu verdadeiro rumo, numa palavra, Ceuta início de uma Nova Era para o Mundo Moderno, isto é, o Século Aureo dos Descobrimentos, sob a égide do insigne INFANTE DE SÁGRES».

Terminada a leitura do seu interessante e valioso trabalho, a assistência premiou o ilustre conferente com prolongada salva de palmas.

Seguiu-se depois, o comentário à conferência feita pelo presidente da Sociedade Histórica, sr. General Silva Basto, que agradeceu ao conferente a sua activa participação nos trabalhos da Sociedade, anunciando ao auditório, onde se encontravam prestigiantes figuras das Artes, Letras, Política e História, que esta nova série de conferências tão auspiciosamente encetada vai prosseguir. No final endereçou cumprimentos ao sr. Presidente da Casa do Algarve, Major Mateus Moreno,

não embuxam como se um enorme marmelo lhes puzesse nó na garganta?

Para fazer obra dessa era melhor estar calado — dizem.

Pois que façam melhor — replicam todos aqueles que sentem amor pela sua terra, pela sua gente, por todos os interesses morais e materiais envolventes.

Sabemos que um jornal deve ser noticioso, doutrinário, imparcial. Mas onde está o artista que construa essa trempe sem que uma das pernas exceda as outras numa fracção de milímetro?

Se dermos o mesmo assunto a três pessoas igualmente inteiradas sobre o seu conteúdo, é raro que dois coincidam no seu modo de ver. Está talvez nisso a melhor causa do progresso, visto que da diversidade de opiniões resultam ideias mais claras e mais altas.

De qualquer maneira, um jornal é um sinal de vida progressiva, é uma unidade ao serviço duma causa — o bem colectivo. No caso particular da nossa província temos uma imprensa cujo designio é tornar mais belo este retiro de praias douradas que se chama Algarve, província onde a poesia se materializa na casa do campo, mais brinqueado que habitação, sempre alegre, sempre garrida, sempre rendilhada. «Voz de Loulé» procura ganhar tamanho e força para ser o porta-bandeira desse designio. Está bem, com um pouco de vontade, coragem e perseverança tudo se consegue. Por nosso lado faz-se o que se pode: duas rabiscaduras, dois dedos de cavaco, e os votos muito sinceros por um futuro laureado e extenso.

J. G. P.

felicitando na sua pessoa, a linda província e antigo Reino do Algarve pelo valioso e importante concurso e operoso patriotismo de que deu provas durante toda a História mormente na crise da Independência da Nação.

Finalmente, o último orador, o ilustre presidente da Casa Regional algarvia, sr. Major Mateus Moreno, agradeceu os cumprimentos dirigidos à Casa do Algarve, a que preside, congratulou-se pelas iniciativas culturais da Sociedade Histórica, terminando por render homenagem ao seu muito ilustre comprovinciano, o conferente da noite: Dr. Alberto Iria, Director do Arquivo Histórico Ultramarino, como lido representante intelectual do Algarve.

Luís Sebastião Peres

A expansão de «A Voz de Loulé»

(Continuação na 2.ª página)

a hesitar, antes de decidir.

Mas, o inconveniente das inevitáveis desactualizações no noticiário e a constante preocupação de servirmos o Conselho de Loulé — causa que tomamos por lema e a que dedicadamente nos temos consagrado — aliada aos constantes apelos dos nossos leitores, impõem-nos essa obrigação.

Estamos avaliando das possibilidades de, no ano que se avizinha, entrarmos no grupo dos semanários, e para isso contamos com o apoio dos nossos queridos assinantes e de todos aqueles louletanos que queiram ajudar-nos com a sua colaboração.

Assim, propositadamente, quizesmos aproveitar o ensejo da comemoração do 4.º aniversário para revelarmos aos nossos assinantes a intenção que nos anima.

Imprensa Regionalista

(Continuação da 1.ª página)

Merece o maior respeito e até reconhecimento público o esforço permanente daqueles que só por amor à sua terra e por prazer espiritual, dedicadamente e com magros recursos, põem periodicamente na rua a sua gazeta, foca-lo e discutindo problemas regionais, dando nota dos acontecimentos que de qualquer maneira interessam à vida local e nacional.

São os mensageiros da saudade levado a todos os que labutam e vivem longe do seu torrão natal, quando contam as coisas simples da terra e o que acontece aos seus filhos que foram os seus companheiros e são os seus amigos.

Na imprensa algarvia tem a «Voz de Loulé» uma função de relevo. Tem sabido manter a chama do nosso regionalismo, chamando com inteligência e desassombro a atenção pública para alguns dos mais instantes problemas, com o intuito de fazer ouvir a voz da razão e cultivar sentimentos de justiça.

Como louletano cumprio o dever de estar presente com estas simples palavras que exprimem o meu sentir no momento em que se festeja mais um aniversário.

SOUSA ROSAL

APRECIA este jornal?

Prestará um bom serviço recomendando a sua assinatura a algum amigo.

Quanto maior fôr o número de assinantes de «A Voz de Loulé» melhor se tornará a sua apresentação e a sua colaboração.



Agência em LOULÉ
Laginha & Ramos, L.da
Telefone 69

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 97 — 1-12-1956

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela Primeira Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e nos autos de Acção de Divisão de Coisas Comum, que os autores Henriqueta Genoveva e marido Joaquim de Brito Carapeto, proprietários, residentes no sítio de Lagoa de Monprolé, freguesia de São Sebastião, desta comarca, por si e como legítimos representantes de sua filha menor Ivone de Brito Carapeto, com eles residente, movem contra os réus Maria Luiza, viúva, doméstica, residente nas instalações da Sapac, comarca de Estarreja, e outros, para divisão de um monte que se compõe de casas de habitação e terreno de sementeira, inscrito na matriz predial urbana sob o art.º 1.883 e na matriz predial rústica sob o art.º 3.760, correm editos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os réus Filipe José, divorciado, trabalhador, ausente em parte incerta da Argentina e cuja última residência conhecida foi no sítio de Lagoa de Monprolé, freguesia de São Sebastião desta comarca; Inácio José, casado, trabalhador, ausente em parte incerta do Alentejo e cuja última residência conhecida foi no sítio de Barreiras Brancas, freguesia de São Clemente, desta comarca; José Francisco Pontes, casado, proprietário, ausente em parte incerta da América do Norte e cuja última residência conhecida foi no sítio de Lagoa de Monprolé, freguesia de São Sebastião, desta comarca, e José Francisco Pontes e mulher Isabel Sousa, ausentes em parte incerta de França e cuja última residência conhecida foi no sítio de Lagoa de Monprolé, freguesia de São Sebastião, desta comarca, para, no prazo de Dez Dias, findo que seja o dos editos, contestarem, querendo, o pedido formulado pelos au-

Associação de Assistência à Mendicidade

(CONCLUSÃO)

A ajudar não poderosamente este propósito temos a assinalar a dádiva importante de uma bondosa louletana que contribuiu já com a valiosa verba a que também já nos referimos de cinquenta contos, a que se juntou brilhantemente a Camara Municipal oferecendo o terreno para a construção do Refeitório Lar dos Pobresinhos que projectamos no valor de cerca de trinta contos, o que, para começar, não é nada desanimador. Devido ao ano agrícola de crise que foi o decorrente, não nos abalançamos por agora a mais pedidos, que seriam inteiramente extemporâneos, mas resta nos a esperança fagueira de que nem todos anos serão maus, e então, no próximo ou no seguinte, apelaremos para a nunca desmentida generosidade dos louletanos e seu incontestável desejo de progresso e bem estar social, a fim de que com uma pequena ajuda de todos, possamos levar a efeito o que é desejo constante daquela generosa benfeitora, cujo anseio de ver a sua formosa iniciativa concluída, está sempre presente no nosso espírito.

Os louletanos são muito ciosos das suas iniciativas e esta Associação é a sua recente manifestação de maior alcance e projecção social para conforto do seu coração e alegria do seu espírito, o amparo aos indigentes.

Bem hajam por isso.
A Comissão

Automóveis

e todos os veículos motorizados. Para compra ou venda tratar com Basilio do Nascimento.

Rua da Barbacã, 24 — Loulé.

tores, constante da petição inicial, cujos duplicados se encontram patentados na aludida Secretaria, para lhes serem entregues, quando reclamados, com excepção dos referentes a Inácio José e José Francisco Pontes, que foram entregues às suas respectivas consortes em treze de Outubro, último, sob pena de se proceder à adjudicação ou venda nos termos do disposto nos art.ºs 1.051 e 1.059 do Código de Processo Civil.

Loulé, 19 de Novembro de 1956.

O Chefe de Secção,
a) Joaquim Guerreiro
Verifiquei a exactidão:
O Juiz de Direito,
a) Marino Barbosa Vicente Júnior

ARTISTAS DO ALGARVE

(Continuação da 4.ª página)

plicidade natural em que o pensamento flui, as palavras não pesam, a graça brota, ingénua e alada, os conceitos se expressam com singeleza e tão luminosa concisão que o povo os adopta como seus. Evidentemente, o epígono não teve a projecção nacional do mestre do Campo de Flores, a quem coube a honra de restituir o lirismo português à pureza das suas fontes tradicionais. E, se o compararmos a esse berbe de olhos ardentes e barba mosca — O poeta de Eros —, cujos versos são cristalizações da alma deslumbrante do Algarve, não podemos deixar de reconhecer também que Cândido Guerreiro é mais intimamente algarvio do que Bernardo de Passos. Seja, porém, como for, estes três nomes João de Deus, Bernardo de Passos, Cândido Guerreiro representam o que de verdadeiramente imortal produziu o sentimento poético da nossa Província.

«L'Algarve aura un jour son Camões», — disse, com admirável convicção Junot.

«Mas não se fazem poetas épicos com a mesma facilidade com que Napoleão fazia marechais do Império. O Camões algarvio não apareceu ainda. Quem negará, porém, ao Algarve a glória de ter embalado, no esplendor do seu berço, três, pelo menos, dos maiores líricos portugueses de todos os tempos?»

De um deles se ocupa hoje neste breve estudo

límpido, reflectido, sereno e justo — o talento de Vergílio Passos.

«Vivamente o aplauso. Como eu, o aplaudirão também todos os portugueses cultos e todos os algarvios namorados da sua terra».

A poetisa D. Olette André, a quem ofereci um «Refúgio» como homenagem à sua actuação no programa da Emissora Nacional, agradeceu-me com as seguintes palavras:

«Não posso deixar de agradecer-lhe a gentileza com que me distinguiu enviando-me o livro «Refúgio» do grande poeta que foi Bernardo de Passos.

Quero afirmar-lhe o prazer que tive em poder dizer nesse belo programa que é «Poesia, Música e Sonho» os versos de seu tio que eu desde os tempos de estudante apreciava como um dos poetas mais portugueses da Literatura Portuguesa. A musicalidade, a simplicidade de expressão, o fio de ternura que parece desprender-se de todos os seus poemas, tornaram-no um dos meus preferidos».

Passados 26 anos do falecimento do poeta do «Aleixo», Lisboa deu o nome de Bernardo de Passos a uma das suas ruas, a Emissora Nacional dedicou-lhe uma sessão de arte, e, S. Brás de Alportel ergueu-lhe um monumento de pedra e bronze na principal praça pública.

Vergílio Passos

Apropósitos

(Continuação da 4.ª página)

futebol cresça de importância como mania generalizada; por mais que a gente moça embarque na loucura alegre do «rock and roll»; por mais que pareça reduzir-se o ambiente para o propício desenvolvimento das mais elevadas actividades e criações do espírito... a Poesia não morre, a Música continua a ter adeptos, as Artes plásticas não são abandonadas, a Filosofia teima em sobreviver...

E' o que nos vale, para que a Vida continue a ter um sentido. Por isso nos alegra ver homenagear um Poeta como Emiliano da Costa, nos enche de contentamento saber que está esgotada a recentíssima edição do livro «Arauto» do Poeta Hernâni de Lencastre, nos chega a comover que se anseie pela edição, em estudo e preparação, da obra do Poeta Aleixo, nos enternece as tentativas poéticas de jovens que nos pedem con-

selho sobre o que escrevem...

A poesia não morre. Bom sinal é este de que o mundo, apesar de tudo, não está perdido. Bom sinal é este de que ainda pode salvar-se.

Assim seja.

Joaquim Magalhães

Algumas considerações sobre o cineclubismo em Portugal

(Continuação da 2.ª página)

Foz, o SEGUNDO ENCONTRO DOS CINE-CLUBES PORTUGUESES, onde se reuniram mais de oitenta entusiastas do Cineclubismo português.

Por tudo o que atrás ficou dito, o Cineclubismo em Portugal é uma sólida realidade, o que não quer dizer — repeti-mo-lo — que tenha atingido plenamente os seus fins. O caminho que falta palmilhar será muito difícil, mas o Movimento prosseguirá na sua louvável tarefa de levar a todos os cantos do nosso torrão, a sua chama cultural e edificante.

Casimiro de Brito

«Voz de Loulé» — Loulé
N.º 97 — 1-12-1956

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANUNCIO

(2.ª publicação)

Pela Segunda Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca de Loulé, e nos autos de Querela que o Digno Agente do M.º P.º move contra o réu José Alves da Silva, solteiro, maior, carpinteiro, filho de António da Silva Alves e de Maria Guerreiro Cabrita, natural da Alcaria, freguesia de Paderne, Julgado Municipal de Albufeira, desta comarca, onde teve o seu último domicílio conhecido e, actualmente, ausente em parte incerta, pronunciado por despacho de 18 de Fevereiro de 1956, como autor do crime previsto e punido pelo art.º 392.º do Código Penal, correm editos notificando o réu para, no prazo de DOIS MESES a contar da segunda e última publicação deste anúncio se apresentar em Juízo sob pena de, não o fazendo, seguir o processo à sua revelia, podendo o mesmo ser preso por qualquer pessoa do povo e devendo se-lo por qualquer oficial de justiça ou agente de autoridade, para ser entregue em Juízo.

Loulé, 13 de Novembro de 1956

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

a) Marino Barbosa Vicente

Transportes de Carga, Louletana, L.ª

L. Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Para melhoria dos nossos serviços, transferimos a nossa sucursal em LISBOA da Rua Nova do Desterro, 35, para a

Rua de S. Mamede, 24-D. (ao Caldas)

Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma ó podem ser tratados com

Pires ou Sousa

A Voz do Alentejo

Feira de Nossa Senhora da Conceição

No próximo dia 9 do corrente terá lugar nesta vila a tradicional Feira de Nossa Senhora da Conceição, que costuma ser muito concorrida.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos em Dezembro:

Em 1, a sr.^a D. Gracinda Chumbinho de Sousa, residente em Lisboa e as meninas Maria Natália Pinto Mazagão e Maria Olávia de Sousa Correia e os srs. Alferes Orlando Sequeira da Silva e Raul Batista Machado.

Em 3, a menina Maria Rosa Pinto Correia.

Em 5, o sr. José Gonçalves de Sousa Oliveira.

Em 6, o menino Alexandre Cavaco Carrilho.

Em 8, as meninas Maria da Conceição Brito da Mana e Solange Farrajota Ralheta.

Em 9, a sr.^a D. Maria da Conceição Nunes.

Em 10, a sr.^a D. Filomena das Neves Rocheta.

Em 13, a sr.^a D. Albertina Monteiro Sotto Mayor Pinto.

Em 14, a menina Maria Inês Ramos Cecilia.

Em 15, a menina Neusa Maria Ramos Cecilia.

Em 16, a sr.^a D. Adelaide dos Santos Garrocho, a menina Maria Leal Alho e o menino Joaquim Manuel Correia Duarte.

Em 17, a sr.^a D. Marieta G. Mendes Pinto.

Em 19, o sr. Manuel Nunes Estevão e a menina Dina Maria Nunes do Nascimento Cairos.

Em 20, a menina Maria Elda Rua Arquieri.

Casamentos

— No passado dia 19 realizou-se na Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa, o casamento religioso do nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Luis Henrique de Sousa Clemente com a sr.^a D. Maria Irene de Sousa Rodrigues, que regressou da Argentina, onde vivia com seus pais.

Foram padrinhos por parte do noivo a sr.^a D. Isabel Pacheco Conceição e o sr. Jaime Pacheco Conceição, sócio gerente da Sociedade de Turismo «Santa Maria», Lda em Lisboa e por parte da noiva a sr.^a D. Maria dos Santos Caleiras. Foi celebrante o Assistente Nacional da Mocidade Portuguesa Dr. António Alves de Campos.

Ao jovem casal desejamos as maiores felicidades.

Gente nova

— Com muita felicidade, teve o seu bom sucesso, no passado dia 20 de Novembro, dando à luz um robusto rapaz, a sr.^a D. Vitalina Martins Guilherme Ferreira, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Adelino de Sousa Ferreira, vereador da Câmara Municipal de Loulé.

— No pretérito dia 27 também teve a sua feliz delivrance, num quarto particular do Hospital de Portimão dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a D. Maria Gabriela Vaz de Barros Vasques Rodrigues, esposa do sr. Frederico de Sousa Lopes Rodrigues, residente em Lisboa e nosso prezado assinante.

Os nossos parabens aos felizes pais e avós, com desejos de prospera e longa vida para os recém nascidos.

Falecimentos

— No passado dia 22 do corrente, faleceu nesta vila o sr. José dos Santos Costa, de 78 anos de idade, proprietário, natural da freguesia de Quelfes, concelho de Olhão, viúvo da sr.^a D. Maria Varela Martins do Ó.

Era pai dos srs. Dr. Anibal Cupertino Costa, Sub-delegado de Saúde, nesta vila, Dr. Ezequiel Costa, Juiz de Direito na Colegã e Dr. Alberto Martins Costa, Farmaceutico no Monte Estoril.

— Com a idade de 88 anos, faleceu nesta vila no passado dia 25 de Novembro o sr. Cândido de Sousa Ramos, viúvo da sr.^a D. Maria do Pilar Carrilho Ramos, e um dos mais antigos comerciantes da nossa praça e nosso estimado assinante.

Melhoramentos no Algarve

TEMOS pugnado, nas colunas deste jornal, para que ao Algarve seja dado um lugar correspondente ao seu valor económico, turístico e social, no enquadramento da obra de reconstrução nacional.

Temos dito que, em relação a outras regiões do território continental, o Algarve é dos que menos tem recebido.

E continuaremos a dizer que falta no Algarve muitos melhoramentos indispensáveis para que se aproxime do nível de melhorias que têm sido distribuídas por outras regiões do País.

Mas todo o nosso desejo de ver progredir o Algarve e de batalharmos pelo seu constante direito de ter «um lugar igual ao dos outros» não nos obceca e faz cegar a ponto de não sermos justos, correctos e agradecidos ao Estado Novo pelos benefícios já recebidos.

Vem isto a propósito de lermos num semanário desta província, umas justas palavras de regosio pelas duas maiores obras à vista: — A electrificação que, até ao fim do ano, teremos ocasião de apreciar pelo estado adiantado em que se encontram os trabalhos, e a recuperação dos sapaís do barlavento algarvio que vai iniciar-se.

São, de facto, duas obras que tornam os algarvios devedores de gratidão aos seus governantes.

Há outra expressão de justiça no artigo a que nos estamos a referir e que, efectivamente, carece de ser exaltada. É a acção denodada, persistente e relevante que teve na obtenção destes grandes «desideratums» algarvios, o ilustre Deputado pelo Algarve e antigo Ministro, senhor Engenheiro Sebastião Ramires.

Era pai dos nossos prezados amigos e assinantes srs. Cândido de Sousa Ramos, importante comerciante em Vendas Novas, Edmundo de Sousa Ramos, conceituado comerciante em Almada, Nuno de Sousa Ramos, morador em Loulé, Sebastião de Sousa Ramos, sócio da firma Águas & Ramos, de Lisboa, Dr. Álvaro de Sousa Ramos, médico militar em Portalegre, Idoménio de Sousa Ramos, Engenheiro-electrotécnico da CEAL em Loulé, e as sr.^{as} D. Edméa Sousa Ramos (falecida) e D. Lisete Carrilho Ramos dos Santos e sogro do sr. Dr. Amílcar Freire dos Santos, advogado em Lisboa.

— Com a idade de 56 anos, faleceu em Lisboa, no dia 17 de Novembro, o sr. Artur Fernandes, conceituado industrial em Olhão, natural da Murtoesa, que deixa viúva a sr.^a D. Maria da Conceição Silva Fernandes.

O saudoso extinto era pai das sr.^{as} D. Modesta da Silva Fernandes Gonçalves e D. Ana Maria da Silva Fernandes estudante universitária e sogro do nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Manuel Mendes Gonçalves, distinto advogado nesta comarca.

A's famílias enlutadas apresentamos os nossos mais sentidos pesamos.

E porque a este jornal teve Sua Ex.^a a bondade de conceder uma entrevista em que se focavam todos estes problemas de alto alcance para a economia do Algarve, mal parecia se, por cada uma destas realizações, quando tomam forma ou se aproximam da sua concretização, não fosse exaltado o nome de quem para elas contribuiu com o valor da sua influência, o contributo do seu estudo e a relevância de uma acção persistente e contínua.

Não é nunca demais distinguir os que se esforçam por que o Algarve se distinga e alevantar, quando, sobretudo, verificamos que a legião de conformistas e «não te rales» é cada vez mais, mais numerosa em quantidade. — R. P.

Por bom caminho...

É com sincero júbilo que felicitamos os dirigentes de «A Voz de Loulé», verdadeiro paladino do nosso Algarve, pela passagem de mais um aniversário.

Mais um ano de trabalho, de preocupações, de dedicação com a vontade de fazer mais e melhor.

Que a sua existência se está tornando cada vez mais útil, prova-o o grande êxito do contínuo aumento do número dos seus assinantes.

Não obstante a sua manutenção se apresentar erigida de espinhos, na defesa dos lindos interesses da nossa terra, pode afirmar-se que «A Voz de Loulé» tem seguido por bom caminho, embora a m. ritória acção desenvolvida, de maneira persistente e firme, nem sempre seja devidamente aca-riada e compreendida.

Por isso, na entrada do seu 5.º ano de existência, enviamos as nossas mais efusivas saudações ao seu ilustre e dedicado Director e em especial ao nosso velho amigo, o dinâmico José Maria Barros, com os votos de que «A Voz de Loulé» continue a singrar pelo bom caminho e tenha uma próspero existência.

ANTÓNIO B. MARUM

Baile dos Estudantes

No próximo dia 29 de Dezembro realiza-se, no Cine Teatro Louletano um Baile promovido pelos estudantes da nossa terra.

Tudo se conjuga para que a festa deste ano exceda, em brilhantismo e animação a do ano transacto que ficou memorável pelo êxito festivo e benemerente conseguido.

Por nosso intermédio a Comissão organizadora pede a todos os estudantes louletanos a sua pronta adesão e solicita às entidades oficiais e particulares as maiores facilidades possíveis para o bom êxito desta iniciativa.



MONTEPIO GERAL

(Associação de Socorros Mútuos Fundada por Empregados Públicos em 1840)

(Grã Cruz da Ordem de Benemerência)

E

Caixa Económica de Lisboa

FUNDADA EM 1844

Fundos Permanentes: 224.547 contos

Fundos de Reserva: 204.783 contos

SEDE EM LISBOA

FILIAL NO PORTO

AGENCIAS EM COIMBRA, EVORA e FARO

A

Agência em Faro

(Edifício próprio ao lado dos Correios)

Recebe Depósitos à Ordem (ao juro anual de 2% até 10 contos etc.) e **a Prazo** (1,5% ao ano a partir de 100 contos) e realiza as seguintes operações: Transferências de numerário, Guarda de valores na casa forte, Compra de coupons, Empréstimos s/ Papéis de Crédito.

Empréstimos sobre penhor de

Ouro, prata e jóias

ao juro de 8% ao ano (\$70 ao mês por 100\$00; 1\$40 por 200\$00; 2\$00 por 300\$00, etc.) e

Empréstimos Hipotecários

Amortizáveis de 20 a 40 anos

TAXAS DE JUROS: s/ prédios urbanos e rústicos 5,5%, s/ prédios em construção 4%.

EDITAL Comunicado

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que a firma Empresa de Viação Algarve, Lda requereu licença para instalar uma garagem de veículos automóveis com secção de reparações e soldadura oxiacetilénica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, fumos, perigo de explosão e de incêndio, situada na Rua Rainha D. Leonor, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando ao norte com Manuel Joaquim Barreiros e Sebastião Garcia Domingues, ao sul com Francisco Dionísio Correia, ao nascente com a referida Rua Rainha D. Leonor e ao poente com José Francisco da Silva e Manuel de Sousa Rico.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 22.º, (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 22 de Novembro de 1956

O eng.º-chefe da Circunscrição,

João António da Silva Graça Martins

Luis Henrique de Sousa Clemente vem por este meio comunicar aos seus Ex.^{mos} Clientes e Amigos que já não se encontra a trabalhar na firma Rádio-Electrotecnica, desta vila.

Doravante estará sempre ao vosso inteiro dispor no seu estabelecimento: «Centro Comercial de Representações e Informações, sito na Rua da Carreira, n.º 5, em Loulé, encarregando-se de todas os assuntos respeitantes a informações comerciais, pagamentos de contribuições, recebimento de rendas e assuntos similares, seguros em todos os ramos, etc.

No seu estabelecimento encontrarão V. Ex.^{as} artigos de escritório, revistas e livros, artigos electricos, fotograficos, máquinas de escrever, etc., etc., etc.